

A Hölder

Sombras ***Wassily Chuck***

JTE
Jessitura

Belo Horizonte

— 2006 —

Acompanhamento editorial:
MARIA ADÉLIA VASCONCELOS BARROS
MILTON FERNANDES
IVAN IELIZÁROV

Capa, Projeto gráfico e Editoração eletrônica:
IVAN IELIZÁROV

Fotografias:
IVAN IELIZÁROV

C559s

CHUCK, Wassily, 1960-
Sombras/ Wassily Chuck. –
Belo Horizonte : Tessitura Editora, 2006.
192 p. : il. fots. p&b ; 13,6 x 18,6 cm.
Ilustrações de Ivan Ielizárov.

ISBN 85-99745-06-9

I.Título. II. Literatura Brasileira. III. Poesia em prosa.
CDD 869.1
CDU 82-1

Todos os direitos reservados

TESSITURA EDITORA LTDA.
Av. Getúlio Vargas, 874, sala 1503
Belo Horizonte MG 30112-020 Brasil
55 31 3262 0616
www.tessituraeditora.com.br

Índice

Prefácio,
Tanto em poucas linhas... ix

Noite 18

Folhas 19

Declínio 20

Estrada 21

Muros 22

Formas 23

Memória 24

Espelho 25

Sopro 27

Deserto 28

Partes 29

Os loucos 30

Aqueronte 31

Escurecer 32

Adeus 33

Angústia 34

Relevos 36

Os cegos 37

Inocência 38

Chama 39

Outros 40

Permanência 41

Quase-palavra 42

| | |
|--------------------------|-----------|
| <i>Barcos</i> | 43 |
| <i>Beleza</i> | 44 |
| <i>Fardo</i> | 45 |
| <i>Lágrimas</i> | 46 |
| <i>Ilusão</i> | 47 |
| <i>Medusa</i> | 48 |
| <i>Na solidão</i> | 49 |
| <i>Ausência</i> | 50 |
| <i>Não-nascidos</i> | 51 |
| <i>Farol</i> | 52 |
| <i>Longe</i> | 54 |
| <i>Em família</i> | 55 |
| <i>Testemunha</i> | 56 |
| <i>Infância</i> | 57 |
| <i>Deuses</i> | 58 |
| <i>Menos</i> | 59 |
| <i>Contornos</i> | 60 |
| <i>Sons</i> | 61 |
| <i>Estrelas cadentes</i> | 62 |
| <i>Mar</i> | 63 |
| <i>Uma velha</i> | 64 |
| <i>Outono</i> | 65 |
| <i>Queda</i> | 67 |
| <i>Recolhimento</i> | 68 |
| <i>Palavras</i> | 69 |
| <i>Morte do poeta</i> | 70 |
| <i>Segunda sombra</i> | 71 |

| | |
|------------------------|------------|
| <i>Outra dor</i> | 72 |
| <i>Casas</i> | 73 |
| <i>Segredo</i> | 74 |
| <i>Em vão</i> | 75 |
| <i>Véspera</i> | 76 |
| <i>Transparência</i> | 77 |
| <i>Nada</i> | 78 |
| <i>No escuro</i> | 80 |
| <i>Sono</i> | 81 |
| <i>Duração</i> | 82 |
| <i>Paraíso perdido</i> | 83 |
| <i>Sombras</i> | 84 |
| <i>Medo</i> | 85 |
| <i>À deriva</i> | 86 |
| <i>Refúgio</i> | 87 |
| <i>Traição</i> | 89 |
| <i>Vencidos</i> | 90 |
| <i>Prelúdio</i> | 91 |
| <i>Rastro</i> | 92 |
| <i>Irrealidades</i> | 93 |
| <i>Busca</i> | 94 |
| <i>Núvens</i> | 95 |
| <i>No entanto</i> | 96 |
| <i>Vazios</i> | 97 |
| <i>Sal e silêncio</i> | 98 |
| <i>Folhas</i> | 99 |
| <i>Noite</i> | 100 |

Tanto, em poucas linhas...

Lembremos algumas diferenças.

Gaston Bachelard, que amava a poesia e os poetas, escreveu um livro inteiro a respeito da chama de uma vela. Nada mais, nada ao redor, mas ela apenas: a chama e a sua luz. Wassily Chuck, ao contrário, apaga a chama de sua vela ao escrever uma morte: a de um poeta.

A chama de uma vela se apaga e a escuridão ao redor não fica maior nem menor, talvez menos bela. E, nessa morte azul, o pó ao pó não retorna, apenas se torna canção. Junto ao túmulo, um vento varre as folhas cantando a canção.

Eis um livro que já traz no nome a sua imagem: *sombras*.

Ele, de algum modo, rema contra a corrente de nossos tempos, os vividos e os postos por escrito em textos de descobertas da ciência, em uma prece ou um poema. Pois eis que vivemos agora, você e eu, nós, em um mundo estranho, obscuro que, entretanto, deseja imaginar-se decifrado, luminoso. E é quando um jovem poeta nos vem falar da sombra. Vem nos falar do inacabado, do sofrimento, dos opostos contrários sem os quais a vida não seria possível. Nem a morte.

É bem provável que muitos venham achar a breve poesia escrita em poucas longas linhas deste livro, pesada, pessimista. Aqueles que pensam que a poesia deveria ser toda esperança, louvores e salmos. Os que esquecem que a poesia é feita com palavras, e não com idéias. Com imagens

e não com mensagens. A poesia é o não-esquecimento da dor, e, por isso, tantos poetas falam dela, ao escreverem sobre Deus ou o amor.

Na verdade, de Rilke a Drummond, passando por todos os poetas cujos livros não serão esquecidos, a vocação da poesia não é nem a do salmo, que louva um deus ou suplica a ele, nem a da doce mensagem esperançosa. A mesma que povoa os hoje tão comuns livros de auto-ajuda. A poesia não quer dizer coisa alguma, mensagem alguma, esperança alguma. E se ela parece fazer assim, é apenas porque algo precisa ser dito para que, por meio de suas palavras, ela exista como alguma forma de beleza, mistério e também sentido. A poesia quer construir sentidos submetidos ao ardor das palavras, ao poder do ritmo e ao desejo nunca acabado – por isso, sempre houve e sempre haverá poetas – de buscar no poema nunca as respostas, mas um significado a mais para as perguntas que fizemos e nunca deixaremos de fazer. Perguntas a respeito dos mistérios do mundo e do humano: a vida que deságua na morte; a morte que não se deixa ver e sonha ser uma outra vida, outra vez; o amor que pode ser o sofrimento; a experiência do sofrer que deságua na poesia.

Diferente da prece que pede ou da filosofia que busca, a poesia não procura respostas além das que constrói com as próprias palavras. Mesmo que a resposta seja a sombra a uma pergunta que procura a luz.

Pois assim como só vemos o vento no seu mover as folhas da árvore, no girar das pás do moinho ou no sentir o seu passar em nossa pele, assim, também, é somente no escuro da sombra de nosso corpo que a luz nos revela e se dá a ver.

Que nome dar ao exercício proposto e tão densa e ousadamente realizado em *Sombras*? Seria preciso um nome? Um pequeno rótulo?

Em outra dimensão e para outros fins – que por certo não são os do Autor – os escritos deste livro poderiam ser longos e difíceis provérbios. Mas a verdade é que, de um a um, eles vão bem além do lugar-comum em geral pretendido pelo provérbio. Pois, ao invés de dizerem algo sábio, mas óbvio, eles escrevem algo belo e oposto ao que é óbvio. E esta é toda a sua sabedoria. Em outra dimensão, eles seriam o que de fato são, pequenos poemas em prosa.

Temos uma distante, rara e preciosa tradição de poemas em prosa, entre Baudelaire e Francis Ponge, cujo *O partido das coisas* talvez seja o livro mais bem realizado nesse terreno¹. Mas podemos crer que Wassily Chuck toma aqui outro caminho.

Uma lembrança poderia ser oportuna: os belos, pequenos e densos *haikais* japoneses, como neste exemplar poema de Issa.

*Em solidão,
Como a minha comida –
E sopra o vento de outono*².

¹ Ver a edição em Português da Editora Iluminuras, de São Paulo, em 2000.

² Uso aqui a grafia haikai da notável edição preparada por Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas. Com este mesmo nome e um excelente estudo introdutório, o livro, com a participação dos mais conhecidos poetas japoneses, foi publicado pela Editora da UNICAMP. Tenho comigo a terceira edição, de 1996.

Começando com a mesma palavra – solidão –, nosso Poeta escreve isto:

*Na solidão moram mortos que chegam no vento,
vindos do outro lado da noite, que é noite ainda, indo
alma adentro. Quanto mais numerosos os mortos, mais
viva é a solidão e de um azul mais puro.*

Não posso saber se Wassily Chuck inventou o *haikai* em prosa.

Se não foi ele, quero ser uma das primeiras pessoas a reconhecer – até por não conhecer de minhas leituras nenhum outro exemplo semelhante – que ele re-inventou um dizer a poesia em prosa como um *haikai*. E não pela forma externa, que é do *haikai* original apenas próxima e ilusória. Mas pelas mesmas preciosas virtudes: a concisão das idéias reduzidas a um mínimo de palavras. Palavras que são, quase sempre, as mesmas com que conversamos dos nossos pequenos poemas esquecidos da vida cotidiana. Pela mesma sábia construção, na qual a seqüência de uma frase interrompe o que se espera e diz o inesperado. E é também isso o que escreve o poeta de uma boa e surpreendente poesia. Como a deste livro. Um livro que não pretende deixar esperança vulgar alguma, memória alguma, a não ser as de palavras, que são pura poesia, pois mesmo em pequena prosa são sempre peças de perfeito acabamento.

Um pequeno difícil livro, embora a uma primeira e apressada vista os seus poemas de poucas linhas em cada página pareçam tão fáceis. Longe disso, não são nem breves nem fáceis. E eu sugiro que, antes de passar ao seguinte, o

leitor leia outra, ou outras vezes, um mesmo poema. A cada leitura a precisa concisão das palavras escolhidas revelará uma outra versão de si.

Sombras.

Um livro que fala da poesia como um lugar ermo. Como um fim de linha situado antes do que existe. Um refúgio escondido até onde poucos, e correndo riscos, chegam, mas de onde retornam mais lúcidos e mais densamente humanos. Um refúgio onde a palavra de um poeta os espera.

O poema é o último refúgio antes da vida. Nele se abrigam poucos, somente os loucos, os solitários e os que trazem a tristeza das ondas quebrando no cais – ninguém mais.

Rosa dos Ventos

Verão de 2006

Carlos Rodrigues Brandão

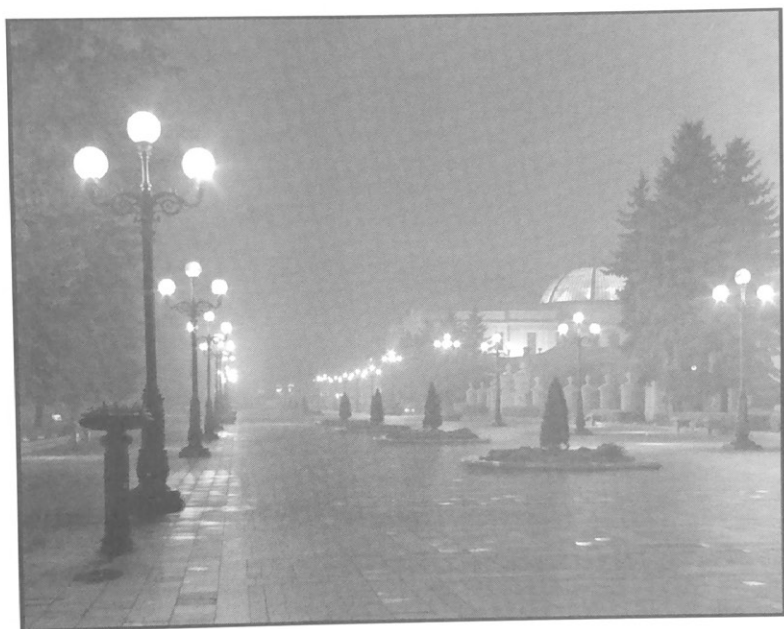
Poeta, Escritor, Antropólogo. Autor de vários livros de educação, literatura e antropologia. Professor de várias Universidades e, atualmente, da UNICAMP e da Universidade Federal de Uberlândia.

Segue-o a noite que não passa.

Trakl

Há olhos que nunca mais poderão aprender
nada do sol, e almas doentes de noites das
quais jamais se curarão.

Cioran



Noite

Dizer a sombra é criar mundos. Só cresce a vida em veios escuros e profundos, onde o sono completa contornos, compondo a porção de ilusão necessária a todos os corpos. Mas a noite que veio não trouxe mundos nem sono, e o vazio que os olhos viram ficou retido na retina, feito uma lágrima morta, azul.

Folhas

Folhas caem como uma dor dobrada sobre a noite, mas nem tocam o chão e já se vão para além, para longe, levadas no ar. Então, novo roçar do vento nos ramos faz o que foi ser ainda o que será – um severo silêncio de folhas, de sonhos caindo sem que a terra os acolha.

Declínio

É sem regresso a viagem para dentro da noite. E todos se põem a caminho, corpos cansados que esperam em vão pelo perdão do sono. Nas ruas, há quietude e silêncio, enquanto seguem as sendas da sombra. Nos sinos, ao longe, ressoa a suave canção do declínio.

Estrada

A frente, a estrada estira-se, espreguiça-se sobre a paisagem, avançando entre a poeira e o sonho, rumo a lugar algum. Ao percorrê-la, só encontras, no fim da jornada, o que já está perdido para sempre.

Muros

Mudos, os dedos estendem-se no ar para tocar o corpo ao lado, num ritmo modulado pelo movimento das marés. Mas em todo toque, em todo abraço só se alcança o vazio de si mesmo, só se encontra essa dor não partilhada, essa distância entre os seres, sempre – os muros.

Formas

Os olhos apossam-se secretamente de cada objeto e neles inscrevem um gesto de adeus, dando-lhes um rosto humano. Só então, quando a eles nossa dor adere, nossas mãos ensaiam um toque, quase uma carícia, sentindo-se em casa junto a essas formas agora frágeis e sempre em despedida.

Memória

Pouco a pouco, penetras num quarto de silêncio e sombras, onde súbitas claridades delineiam, mais que iluminam, os rostos da ausência, as sobras do que ainda te procura. E o que revês não é a soma da tua existência, mas o sonho do que, sem teres sido, deixaste de ser. Nas paredes, dormem os retratos, enquanto juntas restos de noite e estrelas-do-mar.